

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 36

10, JULHO, 1968

REFERÊNCIAS SOBRE O SISTEMA DE PARENTESCO
DOS ÍNDIOS PALIKÚR (*)

EXPEDITO ARNAUD (**)
Museu Goeldi

As penetrações na extremidade oriental da região guianense, por parte dos europeus, somente começaram a intensificar-se depois de 1600 (1). Todavia, o passado histórico dos Palikúr remonta ao início do século XVI, pois, Vicente Yañez Pinzon, em seu depoimento apresentado em Sevilha, no ano de 1513, declarou que, por ocasião da viagem realizada em 1500, descobriu "La mar dulce"... (Rio Amazonas) e também "esta província que se llama Paricura". (Brasil — Tratados, 1899, 1:28). Em seguida, os mapas de Vescontio Maiollo (1513 e 1527) e os de Diego Ribero (1529), registraram igualmente com a denominação de "Cofa Paricura" a região situada à margem esquerda da foz do Amazonas (id., 1899, anexo: mapas 1-3-4).

Segundo Coudreau (1886/7, 2:430), por volta de 1652, o Padre Biet ainda os notou na mesma região, pelas alturas do cabo Orange, entre os rios "Epicouly" e "Ayiri",

(*) — O presente artigo foi elaborado com parte do material que coligimos no decorrer de três excursões realizadas, entre 1964 e 1966, às aldeias dos índios mencionados, situadas no rio Urucaú, afluente do Uaçá, no interior da região do Oiapoque (Território Federal do Amapá).

(**) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Tais penetrações, inicialmente, foram efetuadas por traficantes ingleses, holandeses, irlandeses, franceses e portugueses, bem como por missionários católicos. Subseqüentemente o citado território passou a ser povoado sobretudo por negros escravos ("bush negroes") e, mais tarde, em consequência das descobertas auríferas, também por hindus, chineses, malaíes, etc. Cf. Silva, 1861:6-9; Coudreau, 1886/7, 1:27 e 61.

“quando tinham como inimigos os Galibis e os Racaletes” (2). Entretanto, em 1729, D’Anville já indica a faixa próxima à costa, entre o Cassiporé e o Calçoene, como habitada pelos “Maiez”, (3) e os Palikúr (“amis des François”) disseminados mais para o oeste, desde o Curipi até às cabeceiras do Calçoene (Brasil — Tratados, 1899, anexo: mapa 19). No mesmo ano, o Padre Fauque também os encontrou no Curipi e, em 1735, “bastantes numerosos” no Urucauá e no alto Uaçá, onde em consequência da citada viagem, foi estabelecida três anos mais tarde, pelo Padre Fourré, uma missão entre eles (Coudreau, 1893 : 274). Em 1813, segundo Leprieur, continuavam espalhados pelo Curipi, Uaçá e sobretudo pelo Urucauá (id. 1886/7, 2 : 430).

Subseqüentemente, o próprio Coudreau (1893 : 377-79) define a população do Curipi como constituída principalmente por brasileiros refugiados, a do Uaçá por índios Aruán (4) e a do Urucauá por Palikúr, estes “variando entre 200 e 300, sendo as mulheres cêrca de quatro vêzes mais numerosas do que os homens”. Recentemente, Nimuendaju (1926 : 22) registra a existência de 49 Palikúr na Guiana Francesa e 188 no Brasil : 2 no “Yuminã”, (5) e 186 no Urucauá (47 homens, 59 mulheres, 39 meninos e 41 meninas). Nos dias atuais, os do lado francês somando cêrca de 100 indivíduos (Audrev, 1965 : 71), encontram-se aldeados na margem esquerda do baixo Oiapoque e no interior de seu afluente Ounari. Os do lado brasileiro, conforme levantamento por nós efetuado, totalizam 263, sendo 134 do sexo masculino (67 maiores de 15 anos e 67 menores) e 129 do sexo feminino (63 maiores e 66 menores). Habitam entre o médio e o baixo Urucauá em tesos cercados de campos alagadiços e

(2) — Realet (Aracaré, Arikari, Realet, etc.) : grupo Karib extinto por volta de 1730 (cf. Gillin, 1948 : 805).

(3) — Mayez (Maye) : grupo possivelmente Karib, hoje extinto (cf. Gillin, 1948 : 809).

(4) — Aruán (Arua, Aruan, etc.) ; grupo também extinto (cf. Nimuendaju, 1926 : 112; Gillin, 1948 : 802).

(5) — Yuminã (Juminã) : igarapé situado à margem direita do baixo Oiapoque, nas proximidades da vila denominada Ponta dos Índios.

esparços pela margem do rio, estando juntamente com os Galibí do alto Uaçá e Karipúna do rio Curipi, (6) sob jurisdição de um Pôsto do S.P.I. instalado na confluência do Uaçá com o Curipi. Mantêm contatos permanentes com os citados índios, com os Palikúr do lado francês e populações brasileira e crioula, sendo que, ultimamente, alguns elementos do sexo masculino, na maioria solteiros, vêm trabalhando temporariamente como assalariados e em pescarias, na cidade de Caiena, capital da Guiana Francesa.

Os Palikúr constroem habitações de projeção retangular, cobertura de palha de duas águas com tacanicas, sem paredes, e com assoalhos de tábuas ou paxiúba. Ambos os sexos usam roupas habitualmente. Ainda conservam as técnicas referentes à cerâmica, madeiras e trançado. Na pesca utilizam o arco e a flecha, bem como arpões, anzóis e linhas de algodão ou *nylon* adquiridas no comércio. Na caça usam comumente espingarda tipo cartucheira. Possuem economia baseada na lavoura e na pesca, complementada pela caça e coleta, aparecendo a farinha de mandioca como o principal produto entre os excedentes comerciáveis. Continuam realizando festas tradicionais, mas dançam também à moda "civilizada". Persistem nas práticas xamanísticas, as quais têm acentuada influência na vida tribal. A religião nominal que professam é a católica romana, sendo todos batizados.

O dialeto tradicional filiado ao bloco Aruák é conservado, mas os homens, na maioria, e algumas mulheres, já falam o *patois* (crioulo) da Guiana Francesa, o qual hoje é a língua usual dos Karipúna e Galibí do alto Uaçá. Quanto ao idioma português, que na época de Nimuendaju (1926:111) nenhum Palikúr o entendia "pelo menos razoavelmente", agora vários homens o compreendem, embora apenas dois (Moisés Yapahá e Paulo Orlando), que tiveram um início

(6) — Os Palikúr (Aruák), Galibí (Karib) e Karipúna (Tupi ?), juntamente com os Oyampik e Emeranon (Tupis), estão situados na área cultural, Norte-Amazônica, subárea Guiana Brasileira, mas culturalmente algo diferenciados do núcleo da subárea formada por grupos Karib. Cf. Galvão, 1960 : 20.

de instrução primária e viveram em ambientes brasileiros, se expressem no mesmo com desembaraço (7).

DESCENDÊNCIA E RESIDÊNCIA

Os Palikúr estão organizados em grupos exogâmicos de descendência patrilineal, os quais podem ser classificados como clãs. São designados através de nomes de animais, plantas e fenômenos naturais, acrescidos do sufixo *yenê* (ou *yunê*) também usado para nomear o grupo tribal e, pelos próprios índios, traduzido para o francês como "nation" e para o português como "raça".

Entre os índios do rio Urucauá verificamos a existência dos 7 clãs abaixo discriminados: 1) Wayvi (Waypri) *yunê* ("raça" da lagarta); 2) Kawakukyenê ("raça" do ananás); 3) Wasiynê ("raça" da terra); 4) Wakapunynê ("raça" do acapu); 5) Wadahiyunê ("raça" da lagartixa); 6) Paramyunê ("raça" do bagre); e 7) Parayunê ("raça" do mar). Como extintos nos foram indicados os seguintes: 1) Kamuyenê ("raça" do sol); 2) Sawuyenê ("raça" da lontra); 3) Mayuynoyenê ("raça" de um pássaro semelhante ao jacanã?); 4) Maraunyenê ("raça" de um peixe?) e 5) Kue-myunê ("raça" de uma árvore?) (8). A respeito das ori-

(7) — Na aldeia denominada Flechas, localizada à margem esquerda do baixo Urucauá, originariamente uma comunidade de negros imigrantes do rio Cunani, mas hoje composta por alguns desses remanescentes índios Palikúr e Galibí do alto Uacá, fala-se usualmente o crioulo. Este dialeto é também utilizado pelo único grupo doméstico que habita no monte Tipoc, situado entre o Urucauá e o Uacá o qual é liderado por um negro saramacá do Suriname, casado com uma Karipúna e cujo filho por sua vez, tem como mulher uma índia Palikúr.

(8) — Sete clãs foram também enumeradas por Nimuendajú (1926: 22) e Fernandes (1948: 210-16), mas em lugar do clã Kamuyenê ("raça" do sol) citado por ambos, e que como vimos hoje se encontra extinto, registramos agora o de nome Parayunê ("raça" do mar), já que seus integrantes afirmam constituir um grupo diferente do outro de grafia assemelhada, ou seja, o Paramyunê. A tradução do epônimo Kamuyenê ("raça" do sol) dada por ambos esses autores confere com a nossa; as que apresentamos com relação ao Wasiynê ("raça" da terra) e ao Kawakukyenê ("raça" do ananás) confere somente com as de Nimuendajú; a referente ao Wavi (Waypri) *yunê* ("raça" da lagarta) com a de Fernandes, não ocorrendo coincidências

gens dos mesmos, os mitos que pudemos verificar, apresentam alguns ainda ligados ao primitivo tronco e outros formados por cruzamentos posteriores. Acontece que, tais indicações, se mostram precárias, pois, uma das fontes (Nimuendaju, 1926 : 22-24) esclarece haver conseguido obter apenas fragmentos de lendas através de um informante ("o pajé Alexandre Yuyu"), o qual, conforme suas próprias palavras, "várias vezes apresentou contradições". E a outra (Fernandes, 1948 : 210-16) registra mitos acerca de três clãs que, segundo diz, lhes foram narrados por chefes tribais e apresenta ligeiras indicações sobre os demais, porém, seus informes, nos aspectos que puderam ser comparados, divergem dos divulgados pelo primeiro autor (9). De nossa parte, nada temos para acrescentar a respeito dos mitos, bem assim quanto a três desenhos divulgados por Fernandes (1948 : 216) como sendo distintivos de clãs, usados em objetos, armas de guerra, urnas funerárias e em pinturas de rosto, pois, não foram os mesmos identificados pelos índios a quem os exibi-

nos demais sasos. A nossa lista, na totalidade é semelhante a uma outra recentemente colhida por Mr. Harold Green, do Summer Institute of Linguistic, cuja colaboração agradecemos.

- (9) — Como exemplo apresentamos os seguintes comparativos: Nimuendaju (1926 : 22-24) diz ser o clã (1.º) "Kamohiyune" originado pelo casamento de um homem da "família do sol" com uma mulher "Wakapuene"; o (2.º) "Wasiliene" como produto de mesclagem "entre Palikúr e Maraón"; o (3.º) "Wakapuene" descendendo de "um pássaro chamado malikí"; o (4.º) "Kawalpukú..." imigrado do Brasil e nascido do ananás selvagem plantado pelo espírito do demônio em uma montanha; o (5.º) "Palaminune" descendente da "preguiça Itéi"; e acrescenta não possuir indicações sobre as origens do "Waipureyene" e "Wadahinyne". Já Fernandes (1948 : 210-16) refere-se ao (1.º) "Kamoe-Ienê" como surgido pelo casamento de um homem de clã não identificado que durante muito tempo residiu no sol com uma mulher "Waipri-Ienê"; o (2.º) "Waisri-Ienê" "formado pela intervenção do macaco coatá (*Ateles panicus*); o (3.º) "Wakapu-Ienê" constituído "por gente que apareceu com a formação da terra"; o (4.º) "Kuaki (Karapuku)-Ienê" "pelo cruzamento dos Palikur com os Caripuna, vindos do Amazonas, trazidos por uma enorme onça (*Felix onca*) que protegia e guardava esse povo"; o (5.º) "Paramiu-Ienê" "apareceu misteriosamente do fundo da mata"; o (6.º) "Odarri-Ienê" também "surgido do fundo da mata"; e o (7.º) "Waipri-Ienê" originado do clã "Uakapu-Ienê".

mos ⁽¹⁰⁾. Também, não observamos entre os componentes dos respectivos clãs, nenhuma atitude especial ou reconhecimento de afinidade, para com os objetos através dos quais seus grupos são nomeados.

Pelo menos no presente, não há hierarquia entre os clãs; no entanto, de igual forma como no passado, somente é considerado como legítimo Palikúr quem esteja filiado a um clã pela linha agnática. Nimuendajú (1926 : 23), por exemplo, cita o caso de um homem chamado "Louis Audot" que, sendo filho de pai crioulo e mãe Palikúr, era invariavelmente apontado pelos outros como crioulo. Agora, em maior evidência, aparece um outro indivíduo de nome Auguste Maurice (Xebé), com cerca de 60 anos de idade que possui ascendência chinesa. Acontece que ele, quando inquirido, costuma afirmar ser esse parentesco pela linha materna, e identifica-se como pertencente ao mesmo clã (Wasiyunê) de uma irmã mais velha através da referida linha; porém, elementos com quem não possui boas relações, já afirmam ser aquela ascendência pelo lado paterno, sobretudo um seu "sobrinho" que, em determinada ocasião, assim se expressou a respeito: "Esse Xebé não é Palikúr e sim chinês, mas minha mãe gosta muito de defender o irmão". Trata-se, no entanto, de uma discriminação nominal, pois, os que se encontram em tal situação, não estão sujeitos a quaisquer restrições no que tange à vida tribal, e hoje já podem ser sepultados no lugar reservado ao clã materno.

Nimuendajú (ibid. : 24), baseado em "notícias concordantes", informa que, no passado, os clãs possivelmente teriam localizações distintas, "na região comum que habita-

(10) — Segundo registra Fernandes (1948 : 216) tais distintivos pertencem aos clãs Uakapu-Ienê (estampa 1, fig. A)... Kamoe-Ienê (estampa 1, fig. B)... Waipri-Ienê (estampa 1, fig. C). Hilbert (1957 : 34), por sua vez, escreve haver encontrado o primeiro distintivo em um fragmento de cerâmica arqueológica coletado no têsô Ukupi, sito à margem esquerda do rio Urucauá, bem como em duas urnas funerárias procedentes de Vila Velha no rio Cassiporé, mas frisa não poder "assegurar definitivamente uma conexão entre os Palikur atuais e os restos arqueológicos encontrados na região".

vam ao sul do rio Cassiporé”; a crermos em velhos informantes possuíam também dialetos próprios, dentre os quais acabou prevalecendo como língua tribal o falado pelo extinto clã Kamuyenê. Segundo ainda o mencionado autor (ibid. : 22) estavam ao mesmo tempo divididos entre “dois grandes grupos”, separados territorialmente, os quais, sem outros detalhes, diz ter então identificado “pelos cemitérios onde cada um sepultava seus mortos”, ou sejam, o “Walabdi” e o “Kwapi” situados à margem esquerda do baixo e alto Urucaúá, respectivamente, e assim discriminados : “WALABDI” — 1) “Waipureyene” (...lagarta), “Kawalpukú” (...ananás) e “Wasiliene” (...terra); “KWAPI” — 2) “Wakapuyene” (...acapu), “Kamohiyune” (...sol), “Palaimiune” (...bagre) e “Wadahinyunê” (...lagartixa) (11).

Essas prováveis *metades*, todavia, não logramos melhor caracterizá-las. Por exemplo, os matrimônios (excluindo outros aspectos a serem mais adiante apreciados) somente não podem processar-se entre pessoas pertencentes a um mesmo clã; e nos sepultamentos, podem participar todos os não filiados ao clã do falecido, que não sejam seus parentes consanguíneos próximos. Nota-se mais que, tendo sido abandonado o cemitério “Walabdi”, os enterramentos passaram a ser efetuados unicamente no “Kwapi” onde, embora os clãs continuem possuindo lugares próprios, não há outra separação (12). Por sua vez, pelo menos modernamente, os clãs não funcionam como unidades econômicas e, nas festas tradicionais, não se verificam distinções (13). A separação territorial entre eles também de há muito deixou

(11) — Tendo em vista o que já explicamos acêrca dos epônimos embora mantendo acima a grafia de Nimuendaju em dialeto Palikúr, quanto à tradução utilizamos os dados constantes de nossa lista. Segundo informantes os componentes do clã Parayune (...mar) não identificado por Nimuendaju, sempre foram sepultados no “Kwapi”.

(12) — Segundo alguns informantes, o “Walabdi” foi abandonado porque a maioria dos elementos pertencentes aos clãs que o utilizavam mudaram-se para lugares mais próximos ao “Kwapi”; segundo outros, o último acabou sendo utilizado generalizadamente porque estando à margem do rio é de mais fácil acesso.

(13) — A respeito cf. também Fernandes, 1948 : 210-11.

de existir, haja vista que, por ocasião da visita de Nimuendaju (1926 : 24), seus componentes já habitavam "todos misturados sem regras". Hoje, os grupos-locais são indicados através das denominações dos tesos onde se acham estabelecidos (Kunaen, Kuykíti, Manga, Kajari, Ukupi, Tupay e Flechas), em habitações dispostas sem sentido de orientação e alinhamento. Seus índices populacionais que, em 1965, estavam compreendidos entre um máximo de 70 habitantes no Manga e um mínimo de 15 no Ukupi, oscilam constantemente face a deslocamentos de indivíduos ou de famílias de um para outro grupo, e às vezes dos mesmos para os do lado francês e vice-versa.

A antiga localização dos clãs e a regra de descendência, antes apreciadas, poderiam implicar uma forma de residência patrilocal; porém, como volta a esclarecer Nimuendajú (ibid. : 82), em sua época já não havia "uma localidade sistemática para os casais após o matrimônio". É provável, no entanto, que, até bem pouco tempo, tenha persistido aquela forma pelo menos para os chefes e seus descendentes, uma vez que, coincidentemente, de um lado, o citado autor (ibid.), dá como "morando junto à casa do Capitão Augusto seu filho casado Eduardo, e nas proximidades do pajé Alexandre Yuyu quatro de seus cinco genros"; e de outro, Fernandes (1948 : 201-2), diz que, após o casamento, o casal ficava residindo "com os pais da desposada ou seus responsáveis", salvo em se tratando do chefe ou filho do chefe que, via de regra, permanecia com a esposa junto à família paterna.

Quanto ao último aspecto, não temos outros exemplos para acrescentar, já que não encontramos entre os índios do Urucauá chefes tribais, líderes de clãs ou de grupos-locais, e não obtivemos informações positivas sobre o passado. Acontece que, embora não haja uma forma ou formas definidas de residência, o estabelecimento de uma moradia junto a da família da esposa, pelo menos até que haja adaptação à vida conjugal (matrilocalidade temporária), presentemente parece ser o ideal, pois, de acordo com o que ouvimos

de vários índios, um homem não deve sentir-se casado em definitivo antes de considerar que se acostumou a conviver com os sogros; e, em contraposição, um pai precisa observar primeiro se o genro é de fato um bom marido, para depois consentir que sua filha possa ir residir algures. De qualquer modo, um matrimônio sempre tem como consequência a formação de novo grupo doméstico, sendo que, a presença de mais uma família elementar na mesma habitação, às vezes observada, é geralmente em caráter temporário.

CASAMENTO E FAMÍLIA

A monogamia é a forma comum de matrimônio entre os atuais Palikúr, como, aliás, segundo Nimuendaju (1926 : 82), já ocorria no tempo de Padre Fauque "há 195 anos passados"; e mais recentemente no de Coudreau (1893 : 378), a despeito de ser então a população Palikúr como ele próprio salientou, formada por uma acentuada maioria de elementos do sexo feminino.

A exogamia entre os clãs, antes registrada, continua sendo mantida, porém, casamentos de primos cruzados, embora compatíveis com o citado regime e refletidos na terminologia de parentesco, pelo menos agora não aparecem como preferenciais e, de acordo com informações que obtivemos, somente se processam entre pessoas de parentesco afastado. Não observamos a existência de nenhuma união de primos paralelos ou de "tio" com "sobrinha". Outras modalidades de matrimônio, como sejam o de uma mulher com o viúvo da irmã (sororato) ou o de um homem com a viúva do irmão (levirato) não constituem regra e só ocasionalmente são realizados. Modernamente, o compadrio estabelecido através do batismo na igreja católica exerce também influência sobre os casamentos, pois, em obediência a valores que dizem haver adquirido por intermédio dos crioulos da Guiana Francesa, pessoas ligadas por tal compromisso não devem ter relações sexuais. Assim sendo, marido e mulher não atuam conjuntamente como padrinhos e, por sua vez, não podem casar

entre si os que se tornam compadres, bem como seus filhos, os quais se tratam como irmãos (14).

Não existem atualmente normas definidas para a realização de um consórcio, os quais podem verificar-se ora mediante entendimento direto da parte masculina com o pai ou responsável pela pretendida, ora através de namôro com posterior concordância, e às vezes, como igualmente observou Nimuendaju (1926 : 81), terminada uma festa um rapaz e uma moça vão tornar-se marido e mulher.

Não há prévia execução de serviços do homem para obtenção da noiva e, após o início da vida conjugal, os genros não se encontram mais sob a completa dominância dos sogros, conforme registraram Nimuendajú (ibid. : 78) e Fernandes (1948 : 202-3), prestando quando muito uma ocasional cooperação. Mas, enquanto residindo próximas, mães e filhas casadas continuam ajudando-se nos serviços domésticos e de lavoura.

A tradicional evitação entre "genro" e "sogra" de uma parte, "nora" e "sogro" de outra, no que tange à direta comunicação verbal, ainda perdura, mas não de forma generalizada. Em duas transgressões que observamos entre genros e sogras, na primeira o homem declarou que sendo a sogra sua comadre êle podia dirigir-lhe a palavra, e na segunda "porque agora estão aprendendo os costumes dos civilizados".

Uma preponderância da mulher sobre o marido, talvez consequência daquela que exercia o sogro sobre o genro, é igualmente registrada por Nimuendaju (1926 : 78) e Fernandes (1948 : 203). O primeiro autor diz que o homem era dominado pela mulher, a qual determinava quando êle devia "caçar, pescar, trabalhar na roça e fazer compras no Oiapoque", e no caso de residência matrilocal também "a sogra mandava nêle pela bôca de sua filha"; o segundo autor, por sua vez, assim se expressa : "Êsse domínio da mulher

(14) — Tal comportamento é também observado pelos Galibí do alto Uaçá e Karipúna do rio Curipi.

sobre o homem acentua-se desde o momento do casamento, pois ela tem a seu favor a força do pai que domina completamente a vontade do genro... "Os desejos da mulher são de ordinário satisfeitos à menor demonstração e nada o marido faz sem ser com a aprovação dela". Nos dias atuais, entretanto, pelo que conseguimos observar, o marido é quem determina tudo o que se relaciona às atividades do grupo doméstico e dispõe a seu modo dos bens produzidos. Em sua ausência a mulher não efetua nenhuma transação, embora quando se trata de um objeto por ela confeccionado ou considerado como seu por ser de uso exclusivamente feminino, possa mencionar o que deseja obter em troca, mas por intermédio do marido.

A convivência entre os esposos, ao contrário do que observou Nimuendaju (1926 : 82), agora, não se pode considerar de modo geral como boa, já que os maridos, em grande parte, costumam aplicar de quando em vez castigos corporais nas mulheres, embora raríssimamente o façam nos filhos. As dissoluções de matrimônios que eram raras no tempo de Nimuendajú (ibid. : 82), estão surgindo com certa frequência, sendo que nos dois últimos anos se registraram cinco (3 de iniciativa masculina e 2 feminina), as quais tiveram como objetivo imediato o estabelecimento de novas uniões. Contudo em dois casos provocados por homens com proles numerosas e cujos matrimônios já perduravam há mais ou menos 15 anos, ambos acabaram retornando ao seio da antiga família, pressionados por parentes das espôsas inclusive com o auxílio da direção do Posto do S.P.I.

Segundo vários informantes, após o rompimento de um consórcio, todos os filhos devem continuar com o pai, assistidos com a cooperação da família de um parente pela mesma linha, até que ele venha a contrair novo casamento. Acontece que, nas ocorrências que apuramos, em uma os filhos foram divididos permanecendo os dois mais velhos com o pai; em outra ficaram somente com a mãe apesar da mesma haver-se casado novamente; e, em uma terceira, a única filha

existente até mais ou menos o início da puberdade foi criada pela mãe, passando em seguida a residir com o pai.

A divisão dos bens da família vem também variando de um para outro acontecimento, mas, na maioria das vezes, tem prevalecido o interesse masculino, já havendo se registrado casos em que as mulheres não possuindo parentes com capacidade para defendê-las, foram despojadas de tudo com exceção do vestuário. Quando falece a esposa o viúvo fica comumente com todos os bens; em sentido contrário, a viúva conserva a casa, o roçado e outras plantações, os pertences domésticos e os instrumentos de lavoura. No entanto, utensílios importados de valor mais significativo e de uso masculino (espingardas, lanternas, material de pesca, etc.) são geralmente reivindicados pelo filho primogênito, ou na sua falta, pelo irmão mais velho do falecido. A cremos porém em informantes, quando se trata de um casal que haja ratificado sua união através do casamento pela igreja católica, permitem a viúva ficar com a totalidade dos bens.

Os Palikúr embora ainda usem nomes pessoais nativos, geralmente de plantas ou de animais, já possuem também prenome e sobrenome "civilizados", adquiridos pelo batismo na igreja católica e mediante os quais se identificam junto a estranhos. Os sobrenomes, porém, não costumam tomar dêste ou daquele parente, sendo que, encontramos apenas dois (Labonté e Yapahá) que podem ser considerados como sobrenomes de família, pois perduram pelo menos durante três gerações.

A TERMINOLOGIA DE PARENTESCO

A terminologia de parentesco Palikúr pode ser classificada como do tipo *fusão bifurcada* na primeira geração ascendente e do tipo *Iroquês* na geração do ego, segundo o esquema de Murdock (1949 : 223). O parentesco consanguíneo obedece à seguinte seqüência :

Os membros da segunda geração ascendente são distinguidos pelo sexo, existindo termos específicos para nomear o

pai do pai ou o pai da mãe, a mãe da mãe ou a mãe do pai, bem como para o irmão do pai do pai ou da mãe e para a irmã da mãe da mãe ou do pai.

Os irmãos do pai e seus primos paralelos são classificados como pai e as irmãs da mãe e suas primas paralelas como mãe, sendo aplicados designativos especiais ao irmão da mãe ("tio") e a irmã do pai ("tia").

Os filhos(as) dos irmãos do pai e das irmãs da mãe (verdadeiros ou classificatórios) são tratados como irmãos(ãs), sendo que, ambos os egos, através de um único termo nomeiam o irmão(ã) mais velho(a) e, distintamente, o irmão e a irmã mais novos. O filho e a filha da irmã do pai ou do irmão da mãe, ou sejam, os "primos cruzados" ambilaterais, são identificados mediante outros termos sem distinção de idade.

Através de um designativo acompanhado de nomes explicativos relacionados ao sexo e classe de idade, ambos os egos classificam os próprios filhos(as), o ego masculino também os filhos(as) dos irmãos e o ego feminino os filhos(as) das irmãs. Os termos utilizados pelo ego masculino para chamar os filhos e as filhas das irmãs, são aplicados em sentido contrário pelo ego feminino para os filhos e filhas dos irmãos. Um denominativo é aplicado aos filhos(as) dos "primos cruzados" e outro aos filhos(as) dos filhos(as) ("netos").

O parentesco afim apresenta-se da seguinte forma :

Existem termos diferentes para espôso e espôsa. O pai da espôsa ou do espôso ("sogro"), a mãe da espôsa ou do espôso (sogra), o espôso da filha (genro) e a espôsa do filho ("nora") possuem também designativos especiais; todavia, o "sogro" e a "sogra" podem ser tratados como "tio(a)" e o "genro" e a "nora" como "sobrinho(a)".

O ego masculino usa um termo para chamar a espôsa do irmão ou a irmã da espôsa e outros para espôso da irmã ou o irmão da espôsa; por sua vez, o ego feminino também utiliza designativos diferentes para a irmã do espôso ou a espôsa do irmão e para o irmão do espôso ou espôso da irmã.

Ambos os egos aplicam um só designativo ao espôso da irmã da espôsa, espôsa do irmão da espôsa, espôsa do irmão do espôso e espôso da irmã do espôso. Finalmente, o espôso da mãe ("padrasto") ou o da irmã da mãe, a espôsa do pai ("madrasta") ou do irmão do pai, a espôsa do "tio" e o espôso da "tia", são tratados como pai, mãe, tio e tia, respectivamente e vice-versa.

* *

Em resumo, as referências que acabam de ser expostas sobre os antigos tempos, apresentam os Palikúr como provavelmente estruturados em clãs patrilineares localizados, com dialetos próprios e divididos em *metades*; porém, como vimos, êsses grupos, além da descendência, embora continuem funcionando no que respeita ao casamento e ao cerimonial fúnebre, deixaram de possuir territórios separados e, em consequência, também dialetos distintos, sendo que, as *metades*, salvo melhor observação, não são mais distinguidas. A terminologia de parentesco ainda é conservada em sua estrutura tradicional; no entanto, a forma de residência, o matrimônio (afora a exogamia clânica) e a organização familiar, mostram-se em processo de mudança, inclusive pela adoção de valores apreendidos através dos contatos externos.

NOMENCLATURA DE PARENTESCO (15)

Pai do pai — Pai da mãe (H.-M.f.)	Nahawkin
FaFa — MoFa (M.-W.s.)	Anhwi (vocativo)

- (15) — Na grafia dos termos em Palikúr adotamos o seguinte critério: H = h aspirado; I = u de alemão; K = k do alemão ou do inglês e c duro do português; W = w do inglês; Y = y do inglês como na palavra "yes"; as demais vogais e consoantes com sons aproximados do português. Na grafia em inglês adotamos as abreviaturas usadas por Murdock (1949: 94-95), antecipadas dos prefixos O = older, Ol = oldest, Y = younger, Yo = Youngest e In = intermediary, conforme o caso.

Irmão do pai do pai — irmão da mãe da mãe (H.-M.f.)	Nahawkinkwi
FaFaBr — MoFaBr (M.-W.s.)	
Mãe do pai — mãe da mãe (H.-M.f.)	Natirun
FaMo — MoMo (M.-W.s.)	Avianin (vocativo)
Irmã da mãe do pai — irmã da mãe da mãe (H.M.f.)	Nativirun
FaMoSi — MoMoSi (M.-W.s.)	
Pai — irmão do pai (H.-M.f.)	Nirun
Fa — FaBr (M.-W.s.)	Papá (vocativo)
Mãe — irmã da mãe (H.-M.f.)	Narun
Mo — MoSi (M.-W.s.)	Mamá (vocativo)
Irmão da mãe (H.-M.f.)	Nukukrin
MoBr (M.-W.s.)	Kuku (vocativo)
Irmã do pai (H.-M.s.)	Nakirun
FaSi (M.-W.s.)	Akiá (vocativo)
Irmão m. velho — irmã m. velha (H.-M.f.)	Nernin
OBr — OSi (H.-W.s)	Yeyê (vocativo)
Irmão m. novo (H.-M.f.)	Nusamwin
YBr (M.-W.s.)	Tê (vocativo)
Irmã m. nova (H.-M.f.)	Nusamu
YSi (M.-W.s.)	
Filho do irmão da mãe — Filho da irmã do pai (H.-M.f.)	Nukebwenê
MoBrSo — FaSiSo (M.W.s.)	
Filha do irmão da mãe — filho da irmã do pai (H.M.f.)	Nukebwanô
MoBrDa — FaSiDa (M.-W.s.)	
Filho m. velho — filho m. v. do irmão — filho m. v. do filho do irmão do pai — filho m. v. do filho da irmã da mãe (H.f.)	Nukamkaen-awayrĩ- -erutiô
OISo — BrOISo — FaBrSoOISo — MoSiSoOISo (M.s.)	

Filho m. velho — filho m. v. da irmã — filho m. v. da filha da irmã da mãe — filho m. v. do filho do irmão do pai (M.f.)	Nukamkaen-awayri- -erutiô
OlSo — SiOlSo — MoSiDaOlSo — FaBrSiOlSo (W.s.)	
Filho segundo e seguintes — filho s. ss. do irmão — filho s. ss. do filho do irmão do pai — filho s. ss. do filho da irmã da mãe (H.f.)	Nukamkaen-awayri- -butiê
InSo — BrInSo — FaBrSoInSo — MoSiSoInSo (M.s.)	
Filho segundo e seguintes — filho s. ss. da irmã — filho s. ss. da filha do irmão do pai — filho s. ss. da filha da irmã da mãe (M.f.)	Nukamkaen-awayri- -butiê
InSo — SiInSo — FaBrDaInSo — MoSiDaInSo (W.s.)	
Filho m. nôvo — filho m. n. do irmão — filho m. n. do filho do irmão do pai — filho m. n. do filho da irmã da mãe (H.f.)	Nukamkaen-awayri- -butitiê
YoSo — BrYoSo — FaBrSoYoSo — MoSiSoYoSo (M.s.)	
Filho m. nôvo — filho m. n. da irmã — filho m. n. da filha da irmã da mãe — filho m. n. da filha do irmão do pai (M.f.)	Nukamkaen-awayri- -butitiê
YoSo — SiYoSo — MoSiDaYoSo — FaBrDaYoSo (W.s.)	
Filha m. velha — filha m. velha do irmão — filha m. velha do filho do irmão do pai — filha m. v. do filho da irmã da mãe (H.f.)	Nukamkaen-tinô- erutiô

OlDa — BrOlDa — FaBrSoOlDa —
MoSiSoOlDa (M.s.)

Filha m. velha — filha m. v. da
irmã — filha m. v. da filha do
irmão do pai — filha m.v. da fi-
lha da irmã da mãe (M.f.)

Nukamkaen-tinô-
-erutiô

OlDa — SiOlDa — FaBrDaOlDa —
MoSiDaOlDa (W.s.)

Filha segunda e seguintes — filha
s. ss. do irmão — filha s. ss. do
filho do irmão do pai — filha
s. ss. do filho da irmã da mãe
(H.f.)

Nukamkaen-tinô-
butiô

InDa — BrInDa — FaBrSoInDa
— MoSiSoInDa (M.s.)

Filha segunda e seguintes — filha
s. ss. da irmã — filha s. ss. da
filha do irmão do pai — filha
s. ss. da filha da irmã da mãe
(M.f.)

Nukamkaen-tinô-
-butiô

InDa — SiInDa — FaBrDaInDa —
MoSiDaInDa (W.s.)

Filha m. nova — filha m. n. do
irmão — filha m. n. do filho do
irmão do pai — filha m. n. do
filho da irmã da mãe (H.f.)

Nukamkaen-tinô-
-butitiô

YoDa — BrYoDa — FaBrSoYoDa
— MoSiSoYoDa (M.s.)

Filha m. nova — filha m. n. da
irmã — filha m. n. da filha do
irmão do pai — filha m. n. da
filha da irmã da mãe (M.f.)

Nukamkaen-tinô-
-butitiô

YoDa — SiYoDa — FaBrDaYoDa
— MoSiDaYoDa (W.s.)

Filho da irmã — filho da filha do irmão do pai — filho da filha da irmã da mãe (H.f.) Nuayrin

SiSo — FaBrDaSo — MoSiDaSo (M.s.)

Filho do irmão — filho do filho do irmão do pai — filho do filho da irmã da mãe (M.f.) Nuayrin

BrSo — FaBrSoSo — MoSiSoSo — (W.s.)

Filha da irmã — filha da filha do irmão do pai — filha da filha da irmã da mãe (H.f.) Nuayrun

SiDa — FaBrDaDa — MoSiDaDa (M.s.)

Filha do irmão — filha do filho do irmão do pai — filha do filho da irmã da mãe (M.f.) Nuayrun

BrDa — FaBrSoDa — MoSiSoDa (W.s.)

Filho do filho da irmã do pai — filha do filho da irmã do pai — filho da filha da irmã do pai — filha da filha da irmã do pai; filho do filho do irmão da mãe — filha do filho do irmão da mãe — filho da filha do irmão da mãe — filha da filha do irmão da mãe (H.-M.f.) Naybuskun

FaSiSoSo — FaSiSoDa — FaSiDaSo — FaSiDaDa; MoBrSoSo — MoBrSoDa — MoBrDaSo — MoBrDaDa (M.-W.s.)

Filho do filho — filho da filha — filha do filho — filha da filha (H.-M.s.)	Nuñiwhin
SoSo — DaSo — SoDa — DaDa — (M.-W.s.)	
Pai da espôsa — pai do espôso (H.-M.f.)	Numawkin (Nukukrin)
WiFa — HuFa (M.-W.s.)	Kuku (vocativo)
Mãe da espôsa — mãe do espôso (H.-M.f.)	Numatrum (Nakirun)
WiMo — HuMo (M.-W.s.)	Akiá (vocativo)
Espôso	Nurihrin
Hu	
Espôsa	Nuhayo
Wi	
Espôsa do irmão — irmã da espôsa (H.f.)	Nurunun
BrWi — WiSi (M.s.)	Nanê (vocativo)
Espôso da irmã — irmão da espôsa (H.f.)	Nanirun
BrWi — WiSi — (M.s.)	Nanê (vocativo)
Espôso da irmã — Irmão do espôso (M.f.)	Nuretiun
SiHu — HuBr — (W.s.)	Nanê (vocativo)
Irmã do espôso — espôsa do irmão (M.f.)	Nurun
HuSi — BrWi (W.s.)	Usni (vocativo)

Espôso da irmã da espôsa — espôsa do irmão da espôsa — (H.f.)	Nurewi
WiSiHu — WiBrWi (M.s.)	(Nutavan)
Espôsa do irmão do espôso — espôso da irmã do espôso (M.f.)	Nurewi
HuBrWi — WiSiHu (W.s.)	(Nutavan)
Espôso da filha (H.-M.f.)	Nuhirin
DaHu — (M.-W.s.)	(Nuayrin)
Espôsa do filho (H.f.)	Nuhinyo
SoWi (M.s.)	(Nuayrin)
Espôsa do filho (M.f.)	Nuhinya
SoWi (W.s.)	(Nuayrun)
Filho adotivo (H.-M.f.)	Naymuanin
Compadre	Nukumpera
Comadre	Nukumera
Afilhado	Niviyura-awayri
Afilhada	Niviyura-tinô
Padrinho	Nuvarena
Madrinha	Numarena

SUMMARY

This communication focuses upon the kinship system of the Palikúr Indians (Arawakan) located at presente along the Urucauá River, a tributary of the Uaçá, in the Oiapoque Region, of the Territory of Amapá, Brazil.

First, details are presented concerning the history of these Indians, their linguistic affiliation and present situation. The paper is subsequently divided into three parts: residence and descent, marriage and family; kinship terminology. In conclusion, certain observations are made concerning social change.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AUDREV, J. BUTT

- 1965 — The Guianas. *Bull. Int. Urgent Anthropol. Ethn. Res.*, Wien, 7 : 69-90.

BRASIL - TRATADOS

- 1899 — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Second Mémoire présenté par les Etats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse.* Berne Imp. Staempeli. 6v. anexo e atlas, facs. mapas.

COUDREAU, HENRI A.

- 1886/7 — *La France Equinoxiale.* Paris, Challamel Ainé. 2v. il.
1893 — *Chez nos indiens.* Paris, Hachette. 614p. il. mapa.

FERNANDES, EURICO

- 1948 — *Contribuição ao estudo etnográfico do grupo Aruak.* [Sobretudo de Acta Am., Mexico, 6 (3-4) : 200-21].

GALVÃO, EDUARDO

- 1960 — Areas culturais indígenas do Brasil : 1900-1959. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser. Antrop., 8, 41 p. il.

GILLIN, JOHN

- 1948 — "Tribes of the Guiana". In : *Handbook of South American Indians.* v. 3. *Bull. Bur. Am. Ethnol.* Washington, 143:799-860, il.

HILBERT, PETER PAUL

- 1957 — Contribuição à arqueologia do Amapá. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser., Antrop., 1, 37 p. il. mapa.

MURDOCK, GEORGE PETER

- 1949 — *Social structure.* New York, Macmillan. 387 p.

NIMUENDAJÚ, CURT

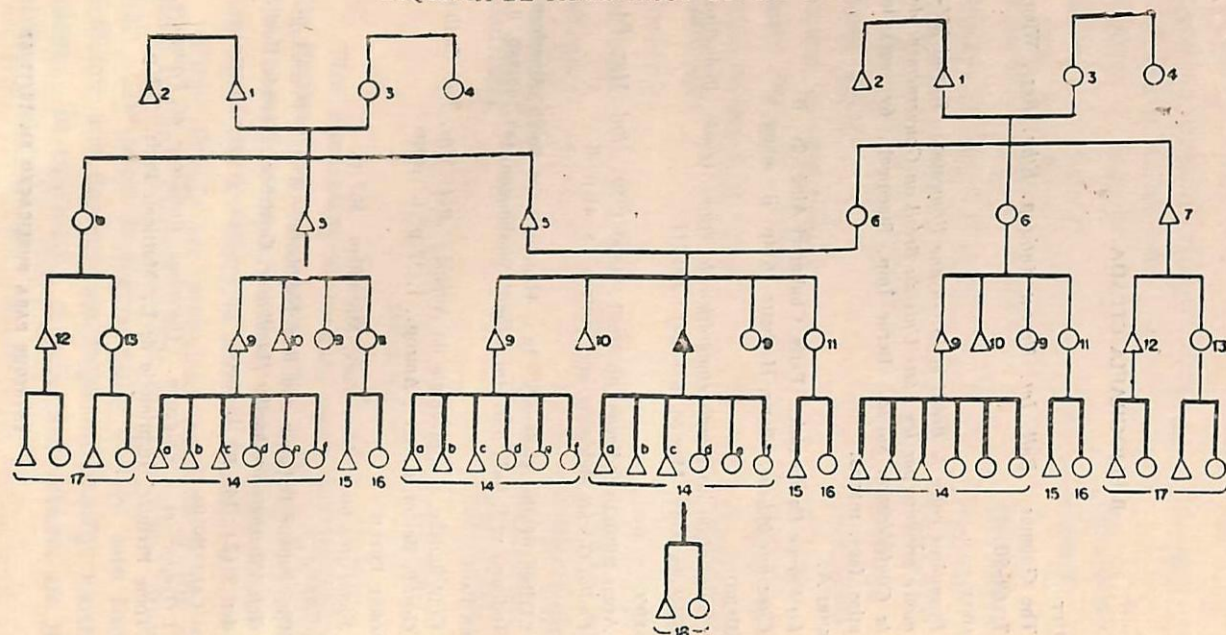
- 1926 — Die Palikur Indianer und ihre Nachbarn. *Kungl. Vetenskaps-Och Vitterhets-Samhaelles Handlingar*, Goeteborg, Fjaerde Foeljden 31(2) : 144 p. il. mapa.

SILVA, JOAQUIM CAETANO DA

- 1861 — *L'Oyapoc et L'Amazone : Questionne Brasiliene et Française.* Tome Premier. Imprimerie de L. Martinet, Paris. 532 p.

QUADRO I

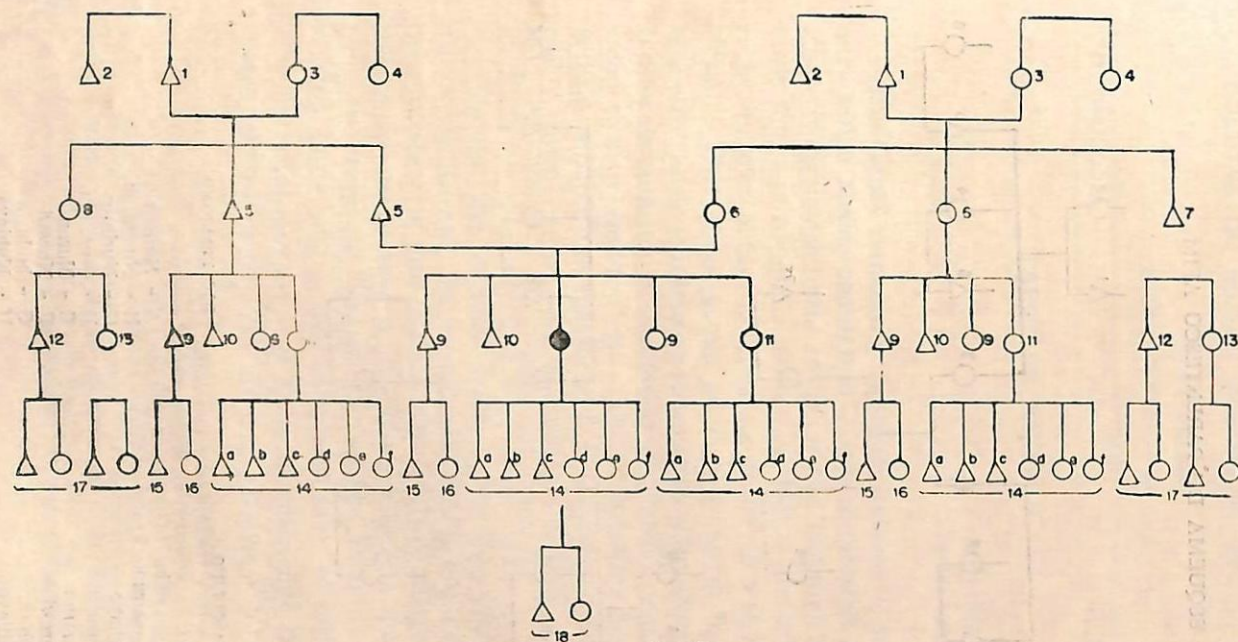
ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGÜÍNEO



EGO MASCULINO

- | | | | | |
|-----------------|---------------|--------------------------------|--------------------------------|----------------|
| 1 - Nahawkin | 6 - Narun | 11 - Nusamu | 14c - Nukamkaen-awayrî-butitiê | 15 - Nuayrin |
| 2 - Nahawkinhwi | 7 - Nukukrin | 12 - Nukebwenê | 14d - Nukamkaen-tinô-erutiô | 16 - Nuayrun |
| 3 - Natirun | 8 - Nakirun | 13 - Nukebwanô | 14e - Nukamkaen-tinô-butitiô | 17 - Naybuskun |
| 4 - Nativirun | 9 - Nernin | 14a - Nukamkaen-awayrî-erutiê | 14f - Nukamkaen-tinô-butitiô | 18 - Nuihiwhin |
| 5 - Nirun | 10 - Nusamwin | 14b - Nukamkaen-awayrî-butitiê | | |

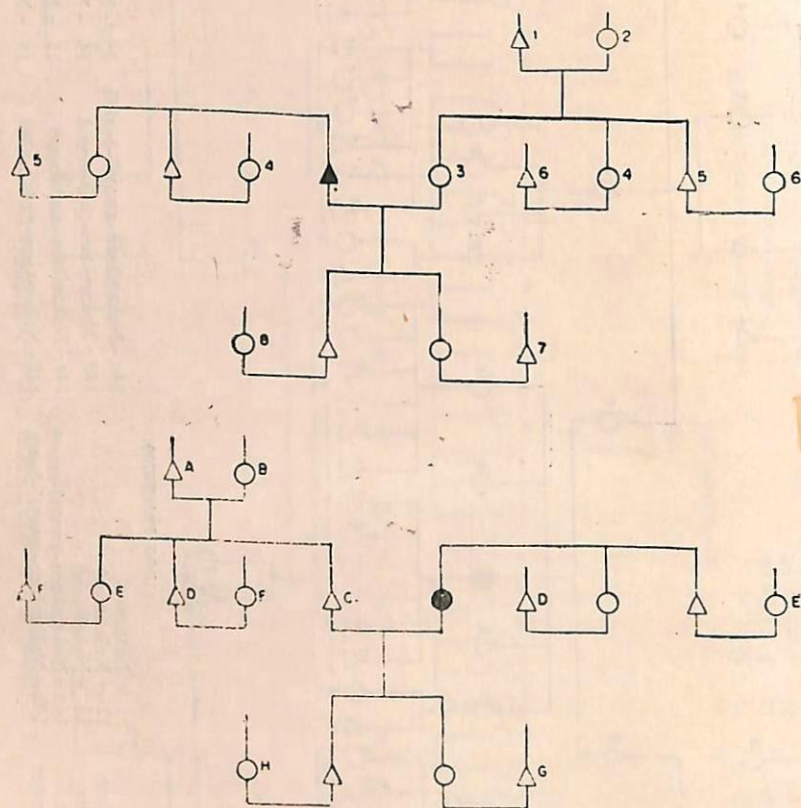
ESQUEMA DE PARENTESCO CONSANGÜÍNEO



ÉGO FEMININO

- | | | | | |
|-----------------|---------------|--------------------------------|--------------------------------|----------------|
| 1 - Nahawkin | 6 - Narun | 11 - Nusamu | 14c - Nukamkaen-awayrî-butitiê | 15 - Nuayrin |
| 2 - Nahawkinhwi | 7 - Nukukrin | 12 - Nukebwenê | 14d - Nukamkaen-tinô-erutiô | 16 - Nuayrun |
| 3 - Natirun | 8 - Nakirun | 13 - Nukebwanô | 14e - Nukamkaen-tinô-butitiê | 17 - Naybuskun |
| 4 - Nativirun | 9 - Nernin | 14a - Nukamkaen-awayrî-erutiê | 14f - Nukamkaen-tinô-butitiê | 18 - Nuhiwhin |
| 5 - Nirun | 10 - Nusamwin | 14b - Nukamkaen-awayrî-butitiê | | |

ESQUEMA DE PARENTESCO AFIM



EGO MASCULINO

- 1 - Numawkin
- 2 - Numatrun
- 3 - Nuhayo
- 4 - Nurunun
- 5 - Nanirun
- 6 - Nurewi
- 7 - Nuhirin
- 8 - Nuhinyo

EGO FEMININO

- A - Numawkin
- B - Numatrun
- C - Nurihrin
- D - Nuretiun
- E - Nurun
- F - Nurewi
- G - Nuhirin
- H - Nuhinya